

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ANPUH 2013

ABOLIÇÃO EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL: ECOS DA GUERRA CIVIL
AMERICANA NO BRASIL E EM CUBA, 1861-1888

CLÍCEA MARIA AUGUSTO DE MIRANDA*

*Doutoranda em História Social da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Prof. Dra. Maria Helena Pereira Toledo Machado.

A Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), evento que marca o fim da escravidão nos Estados Unidos provocou discussões sobre o destino da escravidão, e, sobretudo nas diferentes propostas de abolição nos últimos rincões do cativo. Considerada como o mais sangrento da história dos Estados Unidos, a Guerra Civil (1861-1865) demarcou as transformações das relações sociais, trabalhistas e raciais, e circunscreve-se no âmbito das mudanças do século XIX, especialmente nos eventos que concorreram para o fim do tráfico de escravos africanos e da abolição do cativo nas Américas.¹

Tendo como questão central a escravidão nos Estados Unidos, o conflito, desencadeado durante a presidência de Abraham Lincoln, foi polarizado entre os estados do norte, que buscavam a união nacional e a emancipação escrava, e os estados confederados do sul, que intencionavam manter a escravidão.²

Enquanto nos Estados Unidos a proposta de abolição da escravatura levava a Guerra Civil, países Brasil e Cuba, ainda, aparentemente procuravam não se confrontar com a questão, afinal foram os dois últimos das Américas a por fim a essa lógica de trabalho.

Buscando analisar o debate sobre a escravidão sob uma perspectiva transnacional articulada aos processos de emancipação nas Américas,³ este trabalho procura apontar alguns sinais do impacto da guerra americana entre os diferentes estratos das sociedades brasileiras e cubana.

Em 4 de Novembro de 1862, o Jornal *Atualidades* publicava em suas páginas que:

¹ No início do século XIX, em 1807, o parlamento inglês abole o tráfico de escravos para as suas colônias e inicia uma campanha pelo fim deste comércio em todo o Atlântico. Em 1810, 1815 e 1817 firma tratados com Portugal para o fim do tráfico. Após a independência, o Brasil assina tratado com Inglaterra, pondo o tráfico ilegal em lei de 1831. Em 1833 o parlamento inglês põe fim a escravidão em todo o império britânico. Sobre o fim do tráfico atlântico ver BETHEL, Leslie & CARVALHO, José Murilo de. *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos: Correspondências 1880-1905*. Rio de Janeiro: Topbook, 2008; COSTA E SILVA, Alberto. *Um rio chamado atlântico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003; M'BOKOLO, Elikia, *África Negra: história e civilizações*. Tomo II. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

² O processo de emancipação acontece primeiro em 1863, quando o então presidente Abraham Lincoln abole a escravidão nos estados do sul. A abolição geral entra em vigor em 1865, por meio de uma emenda constitucional. Sobre o processo da Guerra Civil Americana ver EISENBERG, Peter. *Guerra Civil Americana*. São Paulo: Brasiliense, 1999; DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: UNESP, 2011. HORNE, Gerald. *O Sul mais distante: o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

³ A primeira metade do século XIX é marcado pela Revolução do Haiti, que tornou aquele país independente e aboliu a escravidão através de uma revolta escrava; pelo fechamento do tráfico atlântico, pela abolição da escravidão nas colônias britânicas, e pela sequência de independências na América portuguesa e espanhola.

Nos Estados Unidos continúa a lucta cada vez mais terrível entre os estados do sul e os do norte. O successo tem sido vario. As ultimas noticias são favoráveis á causa do norte.

O Presidente Lincoln declarou que do 1º de janeiro de 1863 em diante serão declarados livres sem indemnisação alguma os escravos dos estados que se conservarem na rebelião.⁴

A natureza das notícias sobre o conflito norte americano que circularam nos jornais no Brasil e em Cuba vai desde relatos sobre o andamento da guerra, com informações sobre a localização das batalhas; número de militares mortos e prisioneiros; tomada de regiões; mudanças no comando dos grupamentos militares; entre outras informações sobre o cotidiano dos combates, até análises sobre a política americana em relação à guerra.

Entretanto, para além das informações sobre os campos de batalhas, número de mortos e feridos, ocupação de territórios e outras questões militares, o conteúdo veiculado nos jornais dá ao conflito uma dimensão que extrapola a fronteira da política americana e toca no enfrentamento da mudança da forma de trabalho responsável pela economia nas Américas, conforme a seguinte avaliação da guerra civil:

A guerra civil dos Estados Unidos será um dia registrada na historia como um dos maiores acontecimentos do século XIX; nao é Ella na verdade simplesmente uma guerra, é também uma revolução. Os princípios que poe em discussão, os sacrificios que impõe a uma das mais poderosas nações do mundo, a extensão dos territórios em que se desenvolve, os problemas que sugeriu e que é obrigada a resolver, tudo eleva acima de tantos miseráveis conflictos em que se consomem ambições mesquinhas e interesses anachronicos.⁵

Assim como nos jornais brasileiros, aqueles que circularam em Cuba e na Espanha também oferecem reflexões a cerca da manutenção da mão de obra e da produção de gêneros, de acordo o articulista do jornal *La America* (Madri) Andres Borrego:

No es, pues, posible pensar para aquellos paises en ningún sistema de explotación agrícola en grande escala, y menos en la especie de cultivo que requiere la producción del algodón sin poseer ea abundancia la clase de trabajadores apropiados á las culturas tropicales. La del algodón exige negros ó asiáticos y como no seria admisible resucitar la trata sin otro titulo ni justificación para tan odiosa medida, que el deseo de suscitar competencia á la esclavitud norteamericana» sería preciso recurrir á la China, cuyos habitantes se adaptan por su constitución física á la clase de trabajo que se requiere, cuya exuberancia de población hace sea para ellos un beneficio arrancarlos al hambre y á la miseria, para llevarlos donde encuentren trabajo, subsistencia y un bienestar relativo,

⁴ Jornal *A Atualidade*, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1863.

⁵ Jornal *A Atualidade*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1863.

*empresa que no podría acometerse en la escala que su objeto requiere sin que la especulación se apoderase del pensamiento y lo realizase dándole vastas proporciones.*⁶

As informações sobre a guerra que chegavam ao Brasil e em Cuba de algum modo influenciaram os discursos de intelectuais brasileiros e cubanos sobre a escravidão e a abolição.

As ideias sobre o abolicionismo tiveram uma circulação transatlântica, criando uma conexão entre intelectuais e ativistas, fundamental - mas não exclusivamente - ao encaminhamento da emancipação.⁷ Os movimentos abolicionistas nos últimos rincões de escravidão nas Américas dialogaram com as concepções das principais organizações inglesas que, desde o final do século XVIII vinham discorrendo sobre o fim do tráfico e da escravidão.

Um dos principais expoentes do abolicionismo, Joaquim Nabuco, indagou sobre a condução do processo de extinção do trabalho escravo no Brasil, com base na experiência americana. Em correspondência ao ministro americano H. W. Hilliard, Nabuco indaga a respeito do processo e dos resultados da emancipação nos Estados Unidos:

Ninguém melhor do que V. Ex. pode fallar, com a sua experiência de estadista, que representou importante papel nos acontecimentos, que deram em resultado a emancipação, e com o conhecimento das condições econômicas e sociais daqueles estados, que V. Ex. pode fallar, dizia eu, da grande revolução operada no trabalho agrícola pela instantânea cessação do captiveiro da raça negra.

*As relações dos emancipados para com seus antigos senhores; a aptidão que elles tem para o trabalho livre; o estado da agricultura sob o regimen dos contractos; o progresso geral do paiz depois da crise inevitável, são pontos muito interessantes de estudo para nós que teremos que aproveitar, como os plantadores da Luisiana e do Mississippi, os mesmos elementos de trabalho, deixados pela escravidão, e o trabalho voluntario da mesma raça por ellaadscripta á cultura do solo.*⁸

O contato de Nabuco com o ministro americano, indica a internacionalização da luta contra a escravidão. A *Anti-SlaveryReport*, veículo de informação da organização abolicionista inglesa Anti-SlaverySociety, sediada em Londres, publicava artigos de Nabuco e

⁶ Jornal *La America*, Madri, 8 de junho de 1861.

⁷ Não por acaso, Joaquim Nabuco, participou ativamente da Sociedade Britânica e Estrangeira contra a Escravidão em Londres, comunicava-se com abolicionistas ingleses e americanos, informando-os regularmente sobre a situação do Brasil em relação a escravidão. Ver em ROCHA, Antonio Penalves Rocha; *Abolicionistas Brasileiros e Ingleses: a coligação de Joaquim Nabuco e a British and Foreign Anti-Slavery (1880-1902)*. São Paulo: UNESP, 2009.

⁸ “Carta de Joaquim Nabuco a Henry Washington Hilliard, enviado extraordinário, Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos”, 19/10/1880. Rio de Janeiro: G. Luzinger & Filhos, 1880. Fundação Joaquim Nabuco, doc-082-1 NM 7c A1N/F. http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=117

de outros abolicionistas brasileiros que denunciavam o estado da escravidão no Brasil.⁹ Intelectuais cubanos também estabeleceram interlocuções com a organização inglesa, como foi o caso do escravo Francisco Manzano, que teve seus poemas traduzidos e publicados na *Anti-Slavery Report* por intermédio do também poeta Domingo Miguel Del Monte Aponte.¹⁰

Assim como Nabuco Manzano e Aponte, outros homens de seu tempo estiveram absorvidos em solucionar o problema da escravidão já que, com a libertação dos escravos nos Estados Unidos, restava ao Brasil e a Cuba acabar com aquela forma de trabalho condenável pelas nações civilizadas. Assim parecia pensar preocupadamente alguns senadores do senado brasileiro.

Depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos, o gabinete de 3 de Agosto, apoiado em grande maioria, (não de 63, como sucede ao 7 de março) seria réu de grande descuido se não se lembrasse de que estava chegando o tempo de cuidar seriamente de tão grave assumpto.¹¹

A escravidão era a mancha do atraso. Por isso, no Brasil, ações no campo da justiça, do jornalismo e da política, passaram a ser empreendidas a partir dos anos de 1860, quando o abolicionismo se populariza, ganha corpo nos principais centros urbanos e se intensificam na década de 1880.¹² Não por acaso, em 1865 cria-se na Espanha, metrópole da colônia caribenha, a primeira organização abolicionista, a Sociedade Abolicionista Espanhola.

No início dos anos 1870, nas colônias espanholas de Cuba e Porto Rico (1870), e no império de Brasil (1871), são adotadas as primeiras leis emancipacionistas. Para as

⁹ ROCHA, Antonio Penalves. *Abolicionistas brasileiros e ingleses: a coligação entre Joaquim Nabuco e a British and Foreign Anti Slavery Society (1880-1902)*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

¹⁰ FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/Espanha, Espanha/Cuba: uma história comum*. Bauru, SP: Edusc, 2005. pp. 244.

¹¹ Discurso proferido pelo Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, na sessão do Senado em 12 de setembro de 1871. Anais do Império, pp. 6. http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1871/1871%20Discursos.pdf

¹² As ações empreendidas em prol do fim do cativo revelam que o abolicionismo no Brasil ultrapassou o universo letrado dos parlamentares, dos intelectuais, jornalistas e profissionais liberais. A mobilização em prol da liberdade compreendia desde iniciativas dos próprios escravizados, por meio de fugas e acúmulo de pecúlio para compra de sua alforria, formação de quilombos rurais e urbanos, como foi o caso do Quilombo do Leblon, no Rio de Janeiro que contou com a colaboração da Confederação Abolicionista, e o Quilombo Jabaquara, fundado por militantes abolicionistas na cidade de Santos, até a realização dos chamados meetings abolicionistas para arrecadar fundos para emancipação. Sobre abolicionismo no Brasil Estados Unidos e Cuba ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003; COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. São Paulo: UNESP, 2008; DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: UNESP, 2011; MACHADO, Maria Helena P. T. *O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição*. São Paulo, EDUSP, 2010; SCOTT, Rebecca J. *Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Campinas: Editora UNICAMP.

sociedades brasileiras e cubanas estavam em jogo a manutenção da produção agrícola e o destino dos milhares de descendentes de africanos. Ao que parece, a influência dos Estados Unidos não se restringiu ao resultado da guerra, mas estendia-se às discussões do lugar do liberto na sociedade pós emancipada, e esta ajudou a moderar os discursos no parlamento brasileiro:

Li o que um escriptor americano Chaning, partidista da emancipação dos escravos, e de tal força de opinião que mereceu o maior assentimento do chefe da propaganda Laboyaye, que se não traduziu sua obra e publicou, ella appareceu com uma bella introdução sua. Diz aquelle escriptor a pag [1], cap. 5, Dos meios de acabar a escravidão:

“...Os perigos da emancipação, estes existem, seriam accrescentados se o escravo recebesse o beneficio de uma mão estrangeira, se elle visse o senhor constrangido por uma força estranha. É da mais alta importância que continuem as relações amigas entre os senhores e os escravos (estes serão futuros operários assalariados, e aquelles chefes de industria, ou de estabelecimentos ruraes), mas, para isto ter logar é indispensável que os segundos contemplem nos primeiros bemfeitores e seus libertadores. Se o escravo conhecer o contrario sentirá o ódio, o temor e logo depois a vingança. Ainda que seja preciosa a emancipação, em todo caso ninguém desejará tomar uma tal responsabilidade”

O escriptor faz sérias considerações sobre os inconvenientes de deixar ao emancipado a liberdade sem restrições, e assim continua: “Se não se poder resolver o escravo liberto a um trabalho honesto e produtivo é preciso a isto o constranger; a sociedade pratica o mesmo com o vagabundo. O dom da liberdade seria nominal e ainda pior se o liberto fosse abandonado ás suas tentações que em breve levariam ao crime... É preciso, pois, prolongar-lhe as restrições, não porque foi escravo, porém, porque assim o exigem sua ignorância, seu bem estar, sua educação, a paz e a ordem publica. Em regra não poderá sustentar a si nem os filhos com o trabalho honesto: tendo trabalhado sempre por vontade de outro, nada fará de movimento próprio.

Elle não sabe nem prever nem calcular, nem se impor privações; não pensa na responsabilidade produzirá a preguiça, a preguiça a miséria, esta o crime, e este repetido por muitos prejudicará a sociedade.” São estes também meus sentimentos dos quaes partem sérios receios em relação principalmente á essas liberdades que vão sendo tão freqüentes sem algumas providencias preventivas.¹³

As leis de emancipação escrava e, especialmente a do regime de patronato¹⁴, por exemplo, revelam a permanência do controle da força de trabalho. Rebecca Scott argumenta que *os resultados da Guerra Civil Americana moderaram os senhores de escravos em todas*

¹³ Discurso proferido pelo Barão de São Lourenço em sessão do Senado para discutir a Lei do Ventre, em 18 de setembro de 1871. Anais do Império, pp. 06. http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Império/1871/1871%20Discursos.pdf

¹⁴ A Lei Moret foi aprovada em 4 de julho de 1870, e previa que todas as crianças nascidas de ventre escravo a partir de setembro de 1868, e todos os escravizados com idade superior a setenta seriam considerados livres. A lei de Patronato foi promulgada em Madri em 1880. Segundo Rebecca Scott, tal lei seria um estatuto intermediário entre escravo e livre, denotando uma emancipação gradual. Deste modo, a lei impunha a manutenção dos laços das relações escravistas entre libertos e ex-senhores, na medida em que o senhor detinha o direito de trabalho do ex-escravo e o representava em ações civis e judiciais. Ver Rebecca Scott. *Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899.*

as partes do Novo Mundo.¹⁵ O patronato, como forma de prolongar a transição do trabalho escravo para a mão de obra livre, representava o medo dos plantadores cubanos causado pelos fantasmas do Haiti e da Reconstrução nos Estados Unidos, segundo a pesquisadora. No Brasil, e em outras sociedades escravistas, regime semelhante a este caracterizou as diferentes formas de fidelização nas relações de trabalho entre o proprietário e o antigo escravo.

Junto às notícias sobre a Guerra Civil Americana, o jornal *A Atualidade* apresentava também as instruções do Ministério da Agricultura para os africanos livres empregados nas obras do estabelecimento naval de Itapura, entre elas:

Art. 7o Os africanos matriculados da companhia dos trabalhadores, que, antes de receberem carta de emancipação, abandonarem a colônia, serão punidos convenientemente pelo modo que o diretor paracer mais efficaz.

Art. 8o Depois de seis annos de bons serviços, os africanos que tiverem dado provas de regular comportamento, entrarão no goso completo de sua emancipação, recebendo a carta á que teem direito.

Palácio do Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1862 – João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu.¹⁶

O patronato, e suas versões, constituiu uma das saídas da escravidão para manter o controle da massa liberta e evitar embates.¹⁷

Com base no processo de emancipação escrava nos Estados Unidos, os abolicionistas brasileiros e cubanos buscaram caminhos que evitassem o conflito.¹⁸ Na avaliação de Iacy Maia, a Guerra de Secessão fomentou em Cuba um abolicionismo conservador, com uma emancipação gradual e indenizatória. Por outro lado, provocou um abolicionismo radical que propagandeava o fim imediato do cativo, sem ressarcimento aos proprietários de escravos, além, claro, de fomentar insurreições.¹⁹

As rebeliões escravas representavam outra via de enfrentamento da escravidão, e ao que tudo indica, algumas estiveram relacionadas com a repercussão da Guerra Civil

¹⁵ SCOTT, Rebecca. *Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899*. Op. cit. pp. 94.

¹⁶ Jornal *A Atualidade*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1862.

¹⁷ Sobre relações de trabalho nos pós emancipação ver FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: UNICAMP, 2006. FONER, Eric. *Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: CNPq, 1988.

¹⁸ BRITO, Luciana da Cruz. Abolicionistas afro-americanos e suas interpretações sobre escravidão liberdade e relações raciais no Brasil no século XIX. In: *Tornando-se Livre: Agentes Históricos e Lutas Sociais no Processo de Abolição*. São Paulo, EDUSP [no prelo]; SAMPAIO, Maria Clara. Negros Sonhos: Os Projetos de Colonização de Afro-Americanos no Brasil e na America-Central durante a Guerra de Secessão. In: *Tornando-se Livre: Agentes Históricos e Lutas Sócios no Processo de Abolição*. São Paulo, EDUSP [no prelo].

¹⁹ MATA, Yaci Maia. *Conspirações da “raça de cor”: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2012.

Americana, como a Revolta do Serro, em Minas Gerais ocorrida em 1864²⁰, e as insurreições de 1863 e 1867 na região do Cobre em Cuba, envolvendo escravizados e homens livres de cor.²¹

As notícias relacionadas a levantes escravos foram responsáveis por desencadear o temor das autoridades brasileiras e cubanas. Ao abordar o medo das elites brasileiras em relação à população negra, Célia Maria Marinho Azevedo ressalta o impacto causado pela Revolução no Haiti (1791-1804).²² Segundo a historiadora, o movimento dos negros haitianos, que resultou na independência daquele país, assombrou a sociedade imperial brasileira, especialmente os setores ligados a produção agrícola.²³ Em Cuba, diferentes segmentos sociais acompanharam o desenrolar da revolução haitiana através da *Gaceta de Madrid*.²⁴ A curto prazo, a repercussão da independência do Haiti, provocou o recrudescimento do controle social pelas camadas escravistas. A longo prazo rumores de mesmo teor deixaram rastros para o processo de independência na América Espanhola.²⁵

A apreensão das elites coloniais em relação a possíveis rebeliões também se fez presente em Cuba com o resultado da Guerra de Secessão. Através do jornal *El Redactor*, chegavam a ilha notícias sobre o conflito americano e a libertação de escravizados pelo governo Lincoln. Em junho de 1866, uma determinação do governo da ilha foi publicada nos jornais proibindo as reuniões para a leitura e comentários de livros e periódicos políticos.²⁶

²⁰ MOTA, Isadora Moura. *O vulcão negro da Chapada: Rebeliões escravos no sertão diamantino (Minas Gerais, 1864)*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 2005.

²¹ MATA, Yaci Maia. *Conspirações da “raça de cor”: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*. Op. cit. pp.75.

²² AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda Negra Medo Branco, O negro no imaginário das elites – Século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. pp.35.

²³ Tal medo se tornou mais tangível com a revolta de escravizados na Bahia em 1835. O espectro da revolta dos Malês provocou a mobilização das autoridades imperiais que passaram a aumentar o controle sobre os escravizados. João José Reis ressalta que a dimensão do temor provocado pela revolta alcançou na Corte no Rio de Janeiro. Após a insurreição baiana, ampliou-se a vigilância sobre os cativos, sobretudo aqueles de origem muçulmana. Na corte, o controle abateu-se sobre as irmandades religiosas formadas por negros. As autoridades passaram a colher todos os tipos de dados possíveis sobre os membros das entidades, além de informações sobre dia, hora e local de reuniões. João José Reis, *A greve negra de 1857 na Bahia*. Revista USP, (18), Jun/ jul/ ago 1993, p.p. 8.

²⁴ MARQUESE, Rafael de Bivar. A Escravidão caribenha entre dois Atlânticos: Cuba nos quadros das independências americanas, in PAMPLONA, Marco A. & MADER, Maria Elisa (org). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Nova Granada, Venezuela e Cuba*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

²⁵ MARQUESE, Rafael de Bivar. *A Escravidão caribenha entre dois Atlânticos: Cuba nos quadros das independências americanas*. Op. cit. pp.262.

²⁶ MATA, Yaci Maia. *Conspirações da “raça de cor”: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*. Op.cit. pp.74.

Rebeca Scott afirma que “senhores de escravos e administradores temiam – com certa razão – que o exemplo dos Estados Unidos pudesse levar a uma ruptura da ordem interna da escravidão cubana.”²⁷ O refrão cantarolado nas plantações cubanas reflete a repercussão da guerra entre os escravizados: “Avanza, Lincoln, avanza; Tu eres nuestra esperanza”²⁸. Por certo, a canção revela duas faces de uma mesma questão: as expectativas de liberdade por um lado, e a apreensão dos senhores de escravos por outro.

A guerra levantou problemas que rondaram o imaginário das elites agrárias e que possivelmente influíram na condução do processo de emancipação. A Secessão foi o mais sangrento conflito ocorrido nos Estados Unidos, matando mais de 600 mil pessoas, provocando a derrocada da produção de algodão no sul e o exílio de diversas famílias confederadas para o Brasil e Cuba.²⁹

Com o findar da guerra e a vitória dos estados da união, diversas famílias confederadas exilaram-se em diferentes cidades brasileiras, mexicanas e cubanas na perspectiva de recriar o velho sul. Não por acaso, entre os anos de 1867 e 1968 um fluxo maior de imigrantes americanos, em relação a outras nacionalidades, teria ocorrido no Brasil. Mapas da Agência Oficial de Colonização, informando a entrada de imigrantes neste período, mostra que o número de americanos foi maior se comparada a outras nacionalidades nas regiões de Iguape, Campinas e Cananéia, na Província de São Paulo; na Colônia Dom Pedro (hoje cidade de Brusque) em Santa Catarina; na região do Rio Doce, na província do Espírito Santo, e nas províncias do Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco, Bahia.

Quadro comparativo da entrada de imigrantes em 1867

Região/	Americanos	Alemães	Franceses	Italianos	Inglese	Espanhóis	Portugueses
---------	------------	---------	-----------	-----------	---------	-----------	-------------

²⁷ SCOTT, Rebecca. *Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1991, pp.51.

²⁸ O historiador Manuel Moreno Fragonal indica que este canto teria duas fontes: um funcionário espanhol em 1864 e o folclorista cubano Rogelio Martinez Fure. FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/Espanha, Espanha/Cuba: uma história comum*. Bauru, SP: Edusc, 2005. pp. 364. Ver também em SCOTT, Rebecca. *Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899*. Op. cit. pp. 51.

²⁹ Sobre a migração de confederados para o Brasil e Cuba ver: GUTERL, Matthew Pratt, *American Mediterranean. Southern Slaveholders in the Age of Emancipation*. Cambridge: Harvard University Press, 2008; HORNE, Gerald. *O Sul mais distante: o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; HARTER, Eugene. *A Colônia perdida da Confederação*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985; WEAVER, Blanch Henry Clark. *Confederate Emigration to Brazil*. <http://www.jstor.org/stable/2204592>.

nacionalidade							
Campinas (SP)	123				1		
Cananéia (SP)	13		9		11		
Colônia Dom Pedro (SC)	237	61	76	10	108	2	
Iguape (SP)	232	1	1		4	4	
Santos (SP)	58	4	1		1		
Rio Doce (ES)	151				2		
São Leopoldo (ES)	11	48	7		21	1	
Província do Rio Grande do Sul	125	15	41	2	48	1	
Província do Paraná	26	2	22		11		
Província de Minas Gerais	66		12		10		
Província do Rio de Janeiro	13				3		
Província do Pará	27	1		1	3		
Província de Pernambuco	3				1		
Província da Bahia	4						
TOTAL	1089	132	169	13	224	8	

Fonte: Arquivo Nacional, Inspetoria Geral de Terras e Colonização – caixa 1212.³⁰

À pedido e às custas do governo imperial brasileiro, engenheiros eram contratados para realizar a medição e avaliação das terras para promover a colonização das famílias confederadas. Em correspondência de 18 de outubro de 1866, dirigida ao ministério da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, o representante da Inspetoria de Obras Públicas (nome não identificado nas fontes) informa que estava devolvendo requerimento e papéis que tratavam de pedido dos americanos Bonnes e Mullan ao Governo Imperial para consignar uma quantia dirigida a edificação de casa as margens do Rio Iguape para receber imigrantes americanos.³¹ A criação de colônias de americanos fugidos da guerra de Secessão em diferentes regiões do Brasil indica um dos impactos da guerra no Brasil.

Entretanto, o projeto de migração para o Brasil e Cuba não se restringiu aos confederados. Sabe-se que o governo americano tinha como plano o envio de afro-americanos para países da América do Sul e o Caribe. Segundo o historiador Gerald Horne, o

³⁰ Quadro comparativo elaborado a partir da análise da entrada de estrangeiros durante o ano de 1867. Arquivo Nacional, Inspetoria Geral de Terras e Colonização – caixa 1212.

³¹ Arquivo Nacional. Inspetoria Geral de Terras e Colonização, caixa 1212.

Ministro Plenipotenciário lotado na embaixada americana no Rio de Janeiro James Watson Webbera um ardoroso racista que acreditava que a abolição era mais perigosa que a escravidão, e que a única saída era o assentamento de escravos fora dos Estados Unidos, especialmente na África. Durante o período da Guerra de Secessão coube a Webb a missão de negociar a criação de colônias na Amazônia com os libertos norte-americanos.³²

A marcha das abolições nas Américas colocou a emancipação escrava como pauta de discussão inevitável aonde a escravidão ainda resistia, e a Guerra Civil Americana moldou as perspectivas de superação da escravidão.

Bibliografia

ALONSO, Ângela, *O Abolicionista Cosmopolita: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional*. Revista Novos Estudos, n. 88, CEPRAP, Novembro, 2010.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco. O Negro no Imaginário das Elites, Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BETHELL, Leslie & CARVALHO, José Murilo de. *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos – Correspondências 1880-1905*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Cidade febril - Os cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Medo Branco de Almas Negras: Escravos, Libertos e Republicanos na Cidade do Rio*. in Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 8, n. 16

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil. 1850-1888*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C. & SCOTT, Rebecca J. *Além da escravidão:*

³² SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Fronteiras Negras ao Sul: A proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-Descendentes Norte-Americanos na Década de 1860*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2009.

investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GUTERL, Matthew Pratt. *American Mediterranean: Southern Slaveholders in the Age of Emancipation*. Cambridge and London: Harvard University Press, 2008.

FONER, Eric. *Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: CNPq, 1988.

_____. *Foreverfree: The History of Emancipation & Reconstruction*. Nova Iorque: Vintage Books, 2006.

_____. *Reconstruction, America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. Nova Iorque: Harper & Row, 1988.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: Histórias e Trajetórias de Escravos e Libertos na Bahia, 1870-1910*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.

FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/Espanha, Espanha/Cuba: uma história comum*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

GRINBERG, Keila. *Liberata - a lei da ambigüidade: as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RelumeDumará, 1994.

GOMES, Flávio dos Santos. *No meio das águas turvas: racismo e cidadania no alvorecer da República: a Guarda negra na Corte: 1888-1889*. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, (21) 75-96, dez. 1991.

_____. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.

HARTER, Eugene C. *A Colônia perdida da Confederação*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

HARTMAN, Saidyia V. "Seduction and the ruses of power" in *Callalo*, vol. 19, no. 2, 1996.

HILL, Lawrence. *Diplomatic Relations between The United States and Brazil*. Durham: Duke University Press, 1932.

HODES, Martha (org.) *Sex, Love, Race. Crossing Boundaries in North America*. New York: New York University Press, 1999.

HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro – Repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

HORNE, Gerald. *O Sul mais Distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JOHNSON, Walter. "On agency" in *Journal of Social History*, vol. 37, no.1, 2003.

KAYE, Anthony E. *Joining Places: slave neighborhoods in the Old South*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

MACHADO, Maria Helena P. T., *O Plano e o Pânico. Movimentos Sociais na Década da Abolição*. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. *Brazil Through The Eyes of William James: cartas, diários e desenhos, 1865-1866*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

_____. *De Rebeldes a Fura-Greves : As Experiências de Liberdade dos Quilombolas do Jabaquara na Santos Pós-Emancipação*, In: Flávio dos Santos Gomes e Olívia M. G. da Cunha, *Quase-Cidadãos. História e Antropologias do Brasil Pós-Emancipação*. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 2007.

_____. Os abolicionistas brasileiros e a Guerra de Secessão, in *Caminhos da Liberdade, Histórias da Abolição e do Pós-Abolição no Brasil*. Niterói: PPGHistória-UFF, 2011.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A Escravidão caribenha entre dois Atlânticos: Cuba nos quadros das independências americanas, In PAMPLONA, Marco A. & MADER, Maria Elisa (org). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Nova Granada, Venezuela e Cuba*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MATA, Yaci Maia. *Conspirações da "raça de cor": escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2012.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MOTA, Isadora Moura. *O vulcão negro da Chapada: Rebeliões escravos no sertão diamantino (Minas Gerais, 1864)*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 2005.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo: Publifolha, 2000

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

_____. Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro - Bahia, 1806 in: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.), *Liberdade por um Fio. História dos quilombos no Brasil*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1996.

ROCHA, Antonio Penalves. *Abolicionistas brasileiros e ingleses: a coligação entre Joaquim Nabuco e a British and Foreign Anti Slavery Society (1880-1902)*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Fronteiras Negras ao Sul: A propostas dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-Descendentes Norte-Americanos na Década de 1860*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2009.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. *O Negro na Rua – a nova face da escravidão*. São Paulo, HUCITEC, 1988.

SCOTT, Rebecca J. *Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Unicamp, 1991.

VIOTTI DA COSTA, Emília. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue: A rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEAVER, Blanch Henry Clarck. *Confederate Emigration to Brazil*.

<http://www.jstor.org/stable/2204592>